



A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES.

Carine de Miranda Santos¹

RESUMO

O presente artigo é resultado da experiência de uma professora de Sociologia que ao longo dos anos vem vivenciando os diferentes olhares e percepções que seus alunos (as) têm a respeito da disciplina. As reflexões sobre a realidade da sala de aula é um ponto fundamental para a prática docente. Neste trabalho de pesquisa apresentamos os relatos de estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública de Salvador. Buscamos ouvir o que cerca de cinquenta jovens tinham a dizer sobre as experiências com a disciplina de Sociologia na escola pública. Para tanto, utilizamos questionários e grupos focais, de forma que os jovens se sentissem motivados aos diálogos e debates sobre as questões relacionadas à Sociologia no Ensino Médio. Entre as muitas questões debatidas, alguns estudantes apontam que a primeira impressão que têm da disciplina é de descrédito, principalmente, por ser uma matéria desconhecida de muitos e com uma carga horária menor que as disciplinas encaradas como “básicas”. Reconhecem que com o passar do tempo percebem a importância e a necessidade de se pensar e estudar as sociedades, mas alegam que as aulas são monótonas, o que dificulta o aprendizado. Mostram-se preocupados com a alteração do currículo e com a não obrigatoriedade da disciplina. O artigo é um convite à reflexão sobre a realidade da sociologia para os estudantes de escolas públicas de nível médio.

Palavras-chave: Disciplina de Sociologia. Estudantes do Ensino Médio. Prática Pedagógica.

¹ Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL). Professora de Sociologia no Ensino Médio na Rede Pública do Estado da Bahia. E-mail: carine.mir123@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é apresentar as impressões e reflexões de estudantes do 3º ano de uma escola estadual localizada no bairro de Cajazeiras na cidade de Salvador. Trabalhar com o ensino de sociologia entre os jovens é pensar constantemente em sua prática pedagógica e no quanto as aulas, conteúdos e discussões são fundamentais para a formação desses estudantes. Não buscamos entrar no debate em relação à importância ou não da disciplina na formação desses estudantes. Partimos do olhar de que a sociologia é sim fundamental para compreensão do mundo e das sociedades, sendo assim, essencial para indivíduos em formação.

Neste artigo procuramos dialogar sobre uma realidade específica de sala de aula. Normalmente as aulas acontecem com formatos bem diferentes umas das outras. A interação entre professores (as), alunos (as) e conteúdo, acontece em um processo dinâmico que leva em consideração todo o contexto sociocultural, relacionamentos, vivências e experiências que são construídas socialmente. Sendo assim, o contexto em que esses estudantes estão inseridos representa um ponto significativo para que possamos compreender as dinâmicas das aulas de sociologia. O nosso objetivo com este trabalho de pesquisa foi compreender, através das falas de cerca de cinquenta alunos (as), quais as impressões, aprendizados, dificuldades e experiências geradas pelas aulas de sociologia durante o curso de ensino médio.

Para a compreensão do que seria o ensino de sociologia neste contexto trabalhado pela investigação, fizeram-se necessárias discussões a respeito da situação atual da sociologia e sua oscilação nos currículos das escolas brasileiras, debatemos sobre a formação dos professores (as) que lecionam a disciplina, a carga horária destinada à sociologia, os recursos didáticos e muitas outras questões ligadas às experiências de aulas dos estudantes.

Foram imprescindíveis consultas às produções bibliográficas sobre o ensino da sociologia no ensino médio, bem como às legislações que tratam dos currículos sugeridos para as escolas de todo o Brasil. Além desses estudos, utilizamos como técnica de pesquisa o questionário semiestruturado, em que os estudantes puderam descrever algumas características pessoais que nos ajudaram a compreender um pouco sobre suas vidas e o que esperam do futuro, visto que se tratavam de

estudantes prestes a concluírem o ensino médio. Outra técnica de pesquisa utilizada foi a de grupo focal, permitindo que os jovens dialogassem sobre algumas questões relacionadas aos objetivos da pesquisa.

1. COMO ANDA A SOCIOLOGIA?

Nos últimos 10 anos a sociologia buscou o seu fortalecimento entre as matérias encaradas como tradicionais no ensino médio. A lei 11.684 de 02 de junho de 2008 tornou obrigatório o ensino de sociologia nas três séries do ensino médio, depois da última suspensão dos currículos escolares em 1971. Nesses últimos 10 anos, por conta desta obrigatoriedade, percebemos alguns avanços na tentativa de localizar a sociologia nas salas de aulas de jovens de todo o Brasil. Eventos acadêmicos intensificaram as reflexões e diálogos com profissionais das ciências sociais em busca do aprimoramento da prática pedagógica utilizada em sala de aula. Existiram e ainda existem muitas controvérsias a respeito do que seria ou não importante ensinar no ensino médio. Observamos durante este período um tímido avanço no que se refere aos lançamentos de editais de concurso público para professores de sociologia, mas infelizmente a quantidade de vagas oferecidas não chega a suprir com as demandas nos diversos estados brasileiros. Poucos profissionais formados em ciências sociais puderam ocupar seus espaços em sala de aula. Mesmo diante dessas dificuldades existia a perspectiva de que, com o passar dos anos, a disciplina pudesse ir ocupando o seu real espaço na formação dos jovens do ensino médio.

Infelizmente, toda essa expectativa pelo fortalecimento da sociologia está, mais uma vez, em risco. Uma nova mudança no currículo do ensino médio está prevista para ser sancionada este ano de 2018. Segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), através dessas mudanças, a educação brasileira terá o que chamam de Novo Ensino Médio. O documento foi encaminhado para apreciação do Conselho Nacional de Educação no primeiro semestre do corrente ano. A proposta é a criação

de uma Base Nacional Comum Curricular ²(BNCC) para toda a educação básica. O parecer para o novo Ensino Médio prevê que apenas as áreas de Linguagens e de Matemática sejam oferecidas nas três séries do Ensino Médio, enquanto as outras áreas poderão ser oferecidas ao longo do ensino médio a depender dos critérios de cada rede de ensino. Os conhecimentos de sociologia estão contidos no eixo curricular chamada de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, este eixo contempla as competências e habilidades das áreas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Segundo o MEC, outra proposta é que até 2024, 25% das matrículas sejam com tempo integral. Atualmente 5% das matrículas são de tempo integral.

2. O QUE DIZEM OS ESTUDANTES?

Trazemos para este artigo as discussões levantadas em um trabalho de pesquisa realizado com jovens estudantes da cidade de Salvador que tiveram a oportunidade de falar sobre as aulas de sociologia no ensino médio. Para isso, convidamos alguns alunos (as) das três turmas de 3º ano do turno vespertino de um colégio estadual localizada no bairro de Cajazeiras, um dos bairros mais populosos de Salvador. Apesar de todas as privações sofridas pelo ensino público no Brasil, este colégio representa uma referência para a comunidade da região de Cajazeiras. Construído no ano de 1979, possui atualmente mais de 1.500 alunos (as) matriculados em três turnos (manhã, tarde e noite). As famílias da região encontram neste espaço os cursos de nível médio regular e técnicos em administração e comércio.

O bairro de Cajazeiras é um dos mais populosos de Salvador. É dividido pelas numerações que caracterizam diferentes regiões do bairro, desde Cajazeiras 2 até a 11. O bairro conta com um grande comércio, três agências bancárias, agência dos Correios, escolas, uma faculdade, igrejas e dois hospitais. A região carece muito

² A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. A base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf

quando o assunto é transporte, lazer e segurança. O deslocamento para a “cidade” (termo usado para o centro da cidade de Salvador) é quase sempre penoso para a população do bairro, que conta com linhas de ônibus que são insuficientes para a demanda da população. O termo comumente utilizado “cidade” nos leva a inferir que os moradores do bairro são levados a acreditar que o local em que moram não pertence à cidade de Salvador em si, é como se a cidade fosse caracterizada como um lugar diferente, talvez um lugar mais “desenvolvido”, “cuidado” e “respeitado”. O lazer das crianças e jovens do bairro se resume às praças e quadras de futebol que não possuem a infraestrutura adequada e por conta da violência se tornaram áreas menos acessadas pelos jovens.

Cerca de 50 estudantes participaram das dinâmicas de discussões sobre as experiências que tiveram com a disciplina de sociologia. Aplicamos um questionário semiestruturado com a intenção de conhecermos mais sobre os estudantes: idade, planos para o futuro, características relacionadas à personalidade, etc. Posteriormente, esses mesmos estudantes participaram de grupos focais que permitiram que eles pudessem se posicionar a respeito da temática. Através da técnica de grupo focal criamos um ambiente de compartilhamento de opiniões e debates entre os jovens, permitindo detectar as diversidades de percepções a respeito da sociologia no ensino médio. Segundo GATTI (2005), o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar.

Antes da entrega do questionário houve um diálogo informal sobre a importância das pesquisas acadêmicas para a sociedade como um todo e para o conhecimento sociológico. Um dos problemas no ensino de sociologia no ensino médio é a dificuldade que alguns professores têm de superação do discurso baseado no senso comum, deixando de apresentar a sociologia como uma disciplina que oferece dados científicos que contribuem para a compreensão das sociedades. O questionário semiestruturado buscou obter informações pessoais dos estudantes, visto a necessidade de compreendermos um pouco mais sobre o público pesquisado.

Os questionários apontaram que os jovens têm predominantemente 17 anos. São moradores do bairro de Cajazeiras e alguns outros (Castelo Branco, Águas Claras, Fazenda Grande, Vila Canária, etc.), bairros localizados nas proximidades de Cajazeiras. Ao concluírem o ensino médio grande parte dos alunos (as) pretendem entrar na universidade enquanto uma minoria sonha em montar o próprio negócio. Em um determinado momento foi solicitado que os estudantes pudessem definir o seu estado de espírito nesta fase da vida, visto que estavam prestes a concluírem o ensino médio e uma nova etapa de suas vidas estaria por iniciar-se. Em relação a este “estado de espírito”, percebemos a existência de dois grupos de jovens; de um lado os otimistas, esforçados, determinados, focados e, por outro, os indecisos, vazios, pessimistas; estas foram às expressões que a grande maioria utilizou para se apresentar. A forma como esses jovens se enxergam está relacionada às experiências de vida, expectativas e possibilidades para o futuro.

Ao refletirmos sobre a vida dos jovens na sociedade contemporânea precisamos estar atentos a uma série de questões simbólicas e materiais que envolvem a vida desses indivíduos e que contribuem profundamente para a construção de sua juventude e as perspectivas para o futuro. Não existe um padrão de juventude, ela não é homogênea. Segundo PAIS (2006), ao falarmos de juventude de classe média ou popular, estamos nos referindo à juventude no sentido de “diferente”. Ela aparece socialmente dividida em função de seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações. Assim, quando investigamos quais as expectativas e projetos de vida de jovens estudantes do 3º ano pertencentes às classes populares, observamos uma série de características similares em suas vidas e uma delas pode estar relacionada à baixa estima. Na medida em que muitos desses estudantes não têm referenciais que os levem a sonhar com determinada formação acadêmica, o que resta é acreditar que o caminho da universidade não é o adequado a ele (a). As experiências que acessam ao longo da vida os fazem possuírem comportamentos e visões de vida que não valorizam as suas potencialidades. Por outro lado, observamos uma parcela dos jovens que sabem das suas capacidades e das desvantagens historicamente contraídas para a juventude pobre e que mesmo diante dessas barreiras, sonham com a possibilidade de superá-las para ter acesso à universidade.

A promoção social por meio da educação serviu por muitos anos como folha de parreira para a desigualdade nua e imoral das condições e expectativas humanas; enquanto as realizações acadêmicas correspondiam a recompensas sociais atraentes, as pessoas que não conseguiam ascender na pirâmide social tinham apenas a si mesmas para culpar, e só a si mesmas como alvo de sua amargura e indignação. (BAUMAN, 2013, p.64)

São muitos os desejos e inquietações desses jovens de classes populares. Não é fácil ser jovem e perceber que existem questões sociais e culturas que desfavorecem a concretização dos desejos referentes ao agora e sua vida futura. Segundo PAIS (2006), é difícil falar em sonhos juvenis em uma sociedade que os exclui, em que a educação pública não é de qualidade, em que a busca por emprego não oferece igualdade de oportunidades. Para CASTRO (2001) uma das principais inquietações dos jovens em relação à educação está na questão da perda de credibilidade do ensino para a inserção no mercado de trabalho. Assim, muitos jovens deixam as escolas em busca de trabalho e isso só compromete ainda mais a sua formação acadêmica e sua expectativa de ascensão social.

A adolescência é vista em diversas culturas e épocas como importante momento de domínio das regras e dos valores da vida social, de ganho de autonomia, de maturidade física e psíquica e de gradativa incorporação de papéis sociais do mundo. Independentemente das diversas nuances e singularidades transculturais e históricas que possam existir nessa etapa da existência, pode-se considerar que, atualmente, a adolescência é uma fase extremamente especial do desenvolvimento humano. Nesse período, o adolescente vai construindo uma imagem de si e várias competências cognitivas e socioculturais rumo à inserção nas relações da sociabilidade adulta. (BRASIL, 2005, p. 80)

Segundo ABRAMOVAY e CASTRO (2002), no imaginário social, os jovens são frequentemente pensados como atores sem identidades, vontades, desejos e ações próprias. Nessa leitura, os jovens são definidos pela ausência e pelo que não seriam – nem crianças e nem adultos. Sujeitos que precisam ser constantemente vigiados, controlados e tutelados para que não se pervertam ou não se percam no mundo das drogas e do crime, ou seja, sujeitos que ainda viriam a ser “alguém” na vida adulta.

Após estas reflexões sobre o perfil dos jovens pesquisados, iniciaremos as discussões a respeito das experiências que tiveram com a disciplina de Sociologia

ao longo do Ensino Médio. O roteiro dos grupos focais trazia questões relacionadas à sociologia: O que achavam das aulas?; Como a sociologia pode contribuir para a sua formação?; Quais as experiências positivas e negativas?; Se os estudantes acompanharam os debates sobre a retirada da sociologia do Ensino Médio?; Se concordam que a sociologia deixe de ser obrigatória? Todas essas questões levantadas pelos mediadores foram potencializadas pelas falas e questões levantadas pelos próprios estudantes.

A sociologia é apresentada a estes estudantes assim que entram no ensino médio. Diante de todas as novas disciplinas oferecidas a eles, está a sociologia. Na cidade de Salvador a disciplina é ministrada com apenas 50 minutos de aulas semanais no primeiro ano. Por melhor que seja o (a) docente, é pouco tempo para iniciar a compreensão do pensar sociológico. Além do pouco tempo de aula, outra questão, vivenciada por todo país e apontada, repetidamente, pelos estudantes investigados, é a falta de professores formados em ciências sociais. O que encontramos na rede pública de Salvador são pedagogos, historiadores, geógrafos e demais formações a ensinarem sociologia. Normalmente são profissionais que acumulam mais de uma matéria na grade de aulas e diante da pouca experiência com os conteúdos da sociologia, terminam por reproduzirem atividades, sem uma preocupação com a sequência dos estudos nas séries posteriores, 2º e 3º ano. Sendo assim, grande parte desses estudantes chegam ao último ano do ensino médio com pouquíssimo conhecimento da disciplina de sociologia.

Muitos relataram que já perceberam que a matéria é importante. Segundo o estudante Carlos Antônio de 17 anos, *“O que precisamos é saber mais sobre a sociedade. É uma forma diferente de sabermos de certos assuntos”*. Alguns estudantes demonstraram saber que a disciplina não trata das questões ligadas a sociedade com base no senso comum percebemos que embora alguns desses estudantes tenham dificuldade com a matéria, não deixam de valorizar o conhecimento sociológico. Afirmam que a sociologia analisa certas questões sociais de forma diferente e que isso pode estimular os alunos (as) a aprenderem a observar os vários lados de uma questão e até mesmo na forma como se posicionam diante de determinados problemas sociais.

Outra questão levantada pelos estudantes, é que não tiveram a oportunidade de conhecer melhor a disciplina. Afirmam que a sociologia os ajuda a compreender a realidade social, mas mesmo no 3º ano ainda não se sentem tão estimulados a se aprofundarem nos conteúdos porque acham os assuntos difíceis, alegam que não estão muito acostumados com leituras de textos longos. Garante Ana Clara de 17 anos: *“Até acho interessante, mas não tenho muita paciência para ler os textos”*. Quando questionados sobre a preparação dos estudos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), demonstraram ter conhecimento da importância das aulas de sociologia para a realização da prova de humanidades. Alguns fizeram correlação com os temas exigidos na prova de redação, alegando que normalmente são cobrados assuntos relacionados à realidade social contemporânea. Entretanto grande parte dos estudantes pareciam não se dedicar tanto ao exame do ENEM. Essa é uma realidade de grande parte das escolas de todo o Brasil que atendem estudantes de baixa renda. Infelizmente esses jovens não sofrem apenas pela dificuldade de acesso aos serviços básicos como assistência a saúde, alimentação, moradia e uma educação escolar de qualidade, a esses alunos (as) é negado, também, o que Bourdieu chama de capital cultural³. Significa a dificuldade de acesso aos elementos culturais estabelecidos como os aceitos e adequados. Apenas uma parcela privilegiada que tem acesso a esses conhecimentos e habilidades, desfavorecendo ainda mais os jovens que nasceram em famílias pobres.

A privação em matéria de cultura não é necessariamente percebida como tal, sendo o aumento da privação acompanhado, ao contrário de um enfraquecimento da consciência de privação. O privilégio tem, pois, todos os sinais exteriores da legitimidade. O caráter autodestrutivo dessa ideologia é tão evidente quanto sua função justificadora. (NOGUEIRA; CATANI, 2015, p. 67).

Segundo assim, grande parte desses estudantes não tem consciência de todas as privações que se fazem presentes em suas vidas. Este, talvez seja o

³ Capital cultural é uma expressão utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. Com efeito, uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura, num sentido amplo de gestos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc, que decorrem das condições de vida específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora. (SILVA, 1995, p.34).

grande papel da sociologia no ensino médio: dialogar com jovens de todas as classes sociais a respeito dos privilégios historicamente destinados a uma parcela da sociedade.

Quase todas as experiências positivas apontadas pelos estudantes estão relacionadas a alguma vivência de aula diferente da convencional, relacionada a alguma metodologia diferenciada diante de tantas aulas apontadas por eles (as) como monótonas. Destacaram uma experiência em um grupo de discussão sobre a violência que atinge os jovens da periferia; um seminário sobre questões relacionadas aos Direitos Humanos; realizações de debates, filmes, uso e elaboração de vídeos e fotografias. Já em relação às experiências não muito positivas, os estudantes destacam: o uso excessivo do livro didático ou não uso dele; esquemas no quadro; pouco tempo de aula; monotonia; conteúdos difíceis e falta de formação na área de ciências sociais para grande parte dos professores.

Um dos pontos mais importante levantados por este artigo está no fato de mesmo apontando várias limitações em relação às aulas de sociologias, os estudantes foram unânimes em defender a manutenção da disciplina como obrigatória no Ensino Médio. *“Achei um erro, um equívoco, pois eles falam tanto sobre alcançar a igualdade social e querem tirar essa matéria que ajuda a formar pessoas na sociedade em que vivemos”* (Júlia, 17 anos). Até mesmo entre aqueles alunos (as) resistentes em relação a alguns conteúdos, afirmaram que a sociologia é fundamental para a formação dos jovens no Brasil, como afirma Luana de 16 anos: *“Apesar de não gostar muito da matéria, tirar a sociologia da grade de ensino das escolas seria muito prejudicial, já que a sociologia é uma das poucas matérias que nos ajudam a ver a sociedade com outros olhos”*.

2.1 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SOCIOLOGIA

O dia a dia das aulas de sociologia necessita de reflexões e ações daqueles que trabalham diretamente com ela nas escolas públicas de ensino médio de todo o Brasil. Professores licenciados em ciências sociais, não licenciados, coordenadores e demais professores de outras áreas. Todo esforço é necessário para que o saber sociológico deixe de ser encarado como um conhecimento menor, despertando o descrédito de professores, pais e alunos.

A prática em sala de aula precisa ser revista, questionada e modificada. Em relação à sociologia, essa tarefa é mais difícil, não é fácil para os docentes e especialistas na área, lidarem com tantas oscilações em relação a sua permanência nos currículos escolares. Toda prática pedagógica bem-sucedida demanda tempo em sua realização. Materiais básicos como o livro didático representaram um problema para os professores, visto a dificuldade de opções no mercado. Somente nos últimos anos são oferecidos livros didáticos com propostas interessantes.

A maneira como o professor conduz a disciplina junto aos estudantes, preocupando-se com a significação dos conteúdos, das metodologias utilizadas e com a correspondência entre conteúdo/ metodologia/ avaliação, é fundamental na construção do curso e do conhecimento sociológico. Essas três dimensões, como partes do processo ensino-aprendizagem, devem ser interdependentes e conectadas. A avaliação, por exemplo, deve ser o espaço de sistematização da aprendizagem e estar em consonância com os conteúdos efetivamente trabalhados. Se desenvolver os conteúdos de forma reflexiva não é estratégia no dia a dia do professor, não é na avaliação o momento de fazê-lo. (MOTIM; BRIDI; ARAÚJO, 2014, p. 53).

Outra questão que dificulta os trabalhos em sala de aula é a falta de discussões nas unidades escolares sobre os conteúdos, conhecimentos e habilidades destinadas a cada série do ensino médio. Essa limitação contribui para a repetição de alguns conteúdos que são trabalhados ano após ano, gerando descrédito e insatisfação entre os estudantes. Cada conteúdo precisa ser cuidadosamente pensado para que os jovens possam compreender os fenômenos sociológicos no seu dia a dia, sem deixar de lado o olhar científico dos fatos.

A disciplina é encarada por muitos como um conhecimento marginal, periférico, uma hora semanal representa um trabalho superficial e apressado, de difícil continuidade. O tratamento desses conhecimentos exige, ao contrário, um processo lento e gradual de problematização da realidade concreta e de construção de categorias, conceitos e interpretações. O ensino e aprendizagem exige não apenas uma boa e contínua formação teórica, metodológica e pedagógica dos professores, mas um processo também lento e gradual de envolvimento e mobilização subjetiva dos alunos a partir de suas experiências reais de vida. (CARVALHO, 2004, p. 16)

Para MILLS (1965), o termo chave sobre o papel da sociologia é problematizar. Ela deve despertar o desenvolvimento de uma imaginação

sociológica ⁴ que oferece mais possibilidades para a compreensão do mundo. Para o autor, os sujeitos sofrem uma perturbação por não conseguirem dar conta de explicar sua realidade, a estrutura em que vivem e as relações sociais que o cercam. Essa dificuldade de superação da visão de senso comum é frequente entre os profissionais que trabalham com a sociologia no ensino médio. Essa limitação só pode ser superada através de um estudo e debates entre os educadores. Não existe o “dar aulas” seguindo um manual ou textos escolhidos pelos docentes. Existe toda uma associação entre teoria e questões subjetivas em que o (a) professor (a) deve estar atento (a). Segundo MOTIM; BRIDI; ARAÚJO (2014), o conhecimento contextualizado possibilita um saber ativo, em que o próprio aluno encontra novos significados nas situações por ele vividas.

A sociologia pode contribuir para o desenvolvimento da consciência social, ensinado a questionar e a transformar a realidade. Com reflexões sobre as realidades sociais em suas múltiplas dimensões, a sociologia oferece a crítica social própria de uma formação humanística, ajudando os estudantes a construir as suas estruturas intelectuais. (MOTIM; BRIDI; ARAÚJO, 2014, p. 11).

A prática pedagógica em sociologia deve ser baseada nesta imaginação sociológica proposta por Mills. O conhecimento sociológico trabalhado em uma comunidade conhecida pelo docente favorece a explicação de certos fenômenos sociológicos tomando como exemplo a realidade vivida por tais jovens. O pedagógico parte das necessidades de uma comunidade e através do conhecimento científico, do diálogo, direcionamento das tarefas e de objetivos bem construídos, chega-se a aprendizagem. Falamos de pequenas transformações diárias, baseadas em reflexões, diálogos, construção de posicionamentos orais e escritos que, posteriormente, pode mudar o direcionamento de uma vida. Seguramente, situações cotidianas da vida dos alunos podem ser compreendidas, sob uma ótica antes desconhecida, levando os estudantes a um redirecionamento na vida.

⁴ Imaginação sociológica é um termo desenvolvido pelo sociólogo americano Charles Wright Mills, afirmando que o olhar sociológico requer uma visão mais ampla da sociedade. Pensar sociologicamente é levar em consideração as várias perspectivas de uma questão em busca de uma melhor compreensão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

As reflexões realizadas neste trabalho de pesquisa nos levaram a concluir que a sociologia é uma disciplina que os estudantes do ensino médio da rede pública querem estudar e aprender. Esses jovens sabem da importância de se pensar sobre várias perspectivas as questões sociais e mais do que isso, esses jovens querem conhecimentos que possibilitem a continuidade de seus estudos e uma possível projeção social. Não estamos apenas falando em projeção relacionada à questão socioeconômica, esses jovens querem ser ouvidos e respeitados como indivíduos. Buscam motivos para que possam sonhar e lutar pela realização desses sonhos.

A sociologia precisa ser respeitada pelos professores que a lecionam e pela comunidade escolar. A impressão que temos é que uma parcela dos responsáveis por ela, nem sempre estão dispostos a refletirem sobre uma melhor prática pedagógica. Pensamos que o principal agente da desmotivação desses professores seja a não formação na área de ciências sociais, o excesso de trabalho e as desvalorizações relacionadas à docência.

Enquanto isso, uma pequena parcela de docentes luta pela manutenção da disciplina nos currículos escolares do ensino médio. Nutrem a expectativa de que avanços ocorram no sentido de uma melhor prática pedagógica nas salas de aulas de todo o Brasil, possibilitando que esses jovens tenham acesso a um pensar sociológico que possa ser utilizado como motor para a progressão da vida esses estudantes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para as políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei 11.684 de 02 de Junho de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm>. Acesso em 03 jan. 2017.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D>O>U> de 21/12/2017. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf> Acesso em 23 jan. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília, 2005.

CARVALHO, Lejeune. **Sociologia e ensino em debate. Experiências e discussões de sociologia no Ensino Médio**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

CASTRO, M. G. **Ser Jovem no Brasil Hoje: Políticas e Perfis da Juventude Brasileira**. Caderno Adenauer , 2015.

GATTI, Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líbero, 2005.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MOTIM, Benilde; BRIDI, Maria Aparecida; ARAÚJO, Silvia. **Ensinar e aprender Sociologia no ensino médio**. São Paulo: Contexto, 2014.

NOGUEIRA, Alice ; CATANI, Afrânio (org.). **Bourdieu: Escritos de educação. A escola conservadora: desigualdades frente à escola e à cultura**. Ed.16. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

PAIS, José Machado. **Buscas de si: expressividades e identidades juvenis**. In: Culturas Juvenis: novos mapas do afeto. ALMEIDA, Isabel e EUGÊNIO, Fernando (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVA, Gilda O. do Valle. **Capital Cultural, classe e gênero em Bourdieu**. Caderno do Programa de Pós Graduação em Ciências da Informação. v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.